

Além do ponto: o irremediável amor

Dinair de Fonte Silva⁹³

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar o conto “Além do ponto”, de Caio Fernando Abreu, do livro *Morangos mofados*, de 1982. O tema central circunda a busca de um desejo amoroso na modernidade. Nessa perspectiva, faz-se uma pequena reflexão sobre o sujeito contemporâneo e a sua busca por um anelo.

Palavras-chave: Literatura, conto, modernidade, Caio Fernando Abreu.

Abstract: This work aims at analyzing the short story "Além do ponto", by Caio Fernando Abreu, from the book *Morangos Mofados* (1982). The central theme surrounds the search of a loving desire in modernity. In this perspective, it is a small reflection on the contemporary subject and its search for a longing.

Keywords: Literature, short story, modernity, Caio Fernando Abreu.

⁹³Mestranda em Literatura Brasileira pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

Não compreendo como querer o outro possa tornar-se mais forte do que querer a si próprio. Não compreendo como querer o outro possa pintar como saída para nossa solidão fatal. Mentira: compreendo, sim.
Caio Fernando Abreu

Nas urbanas histórias de Caio Fernando Abreu, grande parte dos protagonistas demonstram e a crise de identidade vivida pelo homem contemporâneo. Vemos as facetas de indivíduos descentrados, deslocados, fragmentados que, diante de uma individualidade problemática, tem sua identidade pessoal abalada. Não possuem mais um sentido estável de si. Esse sujeito descentrado, que preenche todos os fragmentos, é com certeza a grande personagem das obras de Caio F.

Abreu apresenta em seus textos uma “investigação” particular da vida humana, o que demonstra uma peculiaridade do autor de demonstrar o momento em que viveu; como a ditadura militar e a falta de liberdade imposta por ela. Sua obra mergulha na intimidade e na subjetividade dos sentimentos humanos. Podemos reviver em suas histórias toda a angústia que tomou conta de sua geração.

No livro *Morangos mofados*, de 1982, encontramos o desvendar do ser humano em seus momentos mais íntimos. Podemos reviver claramente, através de sua ironia marcante e de sua magnífica sutileza psicológica, os anseios do sujeito dos anos 70, seus medos e suas inseguranças. Nas palavras de Heloisa Buarque de Holanda, o que chama a atenção nesse livro é “um certo cuidado, uma enorme delicadeza em lidar com a matéria da experiência existencial de que fala” (Holanda, 2005, p. 9) Em “Morangos” somos espectadores da dolorosa “existência” de personagens descrentes do mundo a sua volta, que vivem em busca de um referencial, e que por conta disso vivenciam uma profunda crise com a solidão que habitam dentro de si.

Podemos dizer que os contos que preenchem as páginas do livro estão vinculados a um contexto histórico característico, nomeado por Zygmunt Bauman de “modernidade líquida”. Uma

das razões pelas quais Bauman (2004) passou a falar em "modernidade líquida" e não em "pós-modernidade" é que o filósofo ficou cansado de tentar esclarecer uma confusão semântica que não distingue sociologia pós-moderna de sociologia da pós-modernidade, "pós-modernismo" de "pós-modernidade". Para ele, "pós-modernidade" significa uma sociedade ou, se se preferir, um tipo de condição humana, e "pós-modernismo" refere-se a uma visão de mundo que pode surgir, mas não necessariamente, da condição pós-moderna.

No mundo atual, que Bauman (2011) chama de "líquido", porque ele nunca se imobiliza nem conserva sua forma durante muito tempo, as coisas são fluidas, estão sempre em constante mudança; as modas, os objetos que dedicamos atenção, uma atenção em constante mudança de foco, "as coisas que sonhamos e que tememos, aquelas que desejamos e odiamos, as que nos encham de esperanças e as que nos encham de aflição". (Bauman, 2011, p.6)

Em nosso mundo líquido moderno, estamos todo o tempo sendo surpreendidos. O que hoje parece correto e apropriado, amanhã pode se tornar equivocado fútil, fantasioso.

Suspeitamos que isso possa acontecer e pensamos que, tal como o mundo que é nosso lar, nós, seus moradores, planejadores, atores, usuários e vítimas, devemos estar sempre prontos a mudar: todos precisam ser, como diz a palavra da moda, "flexíveis". Por isso, ansiamos por mais informações sobre o que ocorre e o que poderá ocorrer. Felizmente, dispomos hoje de algo que nossos pais nunca puderam imaginar: a internet e a web mundial, as "autoestradas de informação" que nos conectam de imediato, "em tempo real", a todo e qualquer canto remoto do planeta, e tudo isso dentro de pequenos celulares ou iPods que carregamos conosco no bolso, dia e noite, para onde quer que nos desloquemos. (Bauman, 2011, p.6)

A flexibilidade, o consumismo, a individualização, algumas características fortes da modernidade fluída, são questões que aumentam a sensação de angústia, geram

desconforto, e acompanha muitos indivíduos na busca por sucesso e felicidade na era líquida. Uma exigência da modernidade líquida é a inexistência de vínculo que nos prendam a algum lugar, o que resulta num complexo estado de insegurança que adiciona a incerteza contemporânea um desejo de mobilidade.

Nesse contexto, nas narrativas de *Morangos mofados* (1982), podemos ver o vazio do sujeito contemporâneo e sua ânsia por suprir suas inquietações. Em sua escrita, Abreu nos mostra, através de seus personagens, uma característica fundamental do indivíduo moderno: “a eterna busca”. O indivíduo está sempre em busca de algo que acabe com o sentimento de fragmentação e efemeridade em que se encontra, vive a procura de algo que acabe com sua agonia de viver nesse deserto de sofrimentos e desenganos a que está condenado.

Dessa forma, “Além do ponto”, profundamente existencial, foi o conto escolhido deste livro para se analisar acerca desse vazio e dessa “eterna busca” do homem contemporâneo, que deseja ardentemente por algo que diminua essa sua dor de existir. Isso o leva a uma busca, muitas vezes inconsciente, de experiências que possam funcionar como “distração”, bem como o álcool, compras excessivas, coisas materiais, dinheiro, drogas, sexo, Deus e amor.

De todas as sedes de experiência na tentativa, algumas vezes desesperada, de aliviar a dor, é unânime que a mais significativa de todas seja a busca pelo “amor verdadeiro”. O amor, conforme defende Erich Fromm (1991), é única resposta para as questões e os problemas da existência humana.

Em “Além do ponto” vemos reafirmada a preocupação de Caio Fernando com o amor. Mais do que isso, vemos em seus personagens a necessidade básica de fusão com outra pessoa de modo a transcender a prisão interior em que vive. O personagem entrega-se por inteiro para satisfazer a essa necessidade latente do ser humano, perde-se todo para conquistar aquilo que deseja.

A primeira vista, “Além do ponto” pode ser interpretado como a história da busca do amor de um homem por outro homem, pois é evidente que o conto possui algumas marcas que nos levam a pensar dessa maneira, como por exemplo, “*ele* diria qualquer coisa do tipo como você está *molhado*”. (Abreu, 1992, p. 46) Entretanto, é um grande equívoco fazer esse tipo de leitura primária, pois o plano de discussão é muito mais amplo do que o fato de o conto ser ou não homossexual, além disso, o próprio escritor, que não gostava de ser rotulado como sendo apenas um “escritor gay,” revelou em uma entrevista que o conto narra à história do homem a procura de Deus.

É facilmente compreensível que ocorram essas confusões acerca da temática desse conto. Até porque, isso reafirma uma característica absolutamente importante nas obras contemporâneas: a possibilidade de múltiplas interpretações. Segundo David Harvey (1998), o “pós-moderno” possui o efeito de quebrar (desconstruir), o autor não tem mais o poder de impor significados, ou de oferecer uma narrativa contínua. “Cada elemento citado quebra a continuidade ou linearidade do discurso, e leva necessariamente a uma dupla leitura, a do fragmento percebido com relação ao seu texto de origem, a do incorporado a um novo todo, a uma totalidade distinta.” (Harvey, 1998, p. 55) Em síntese, o autor não é mais dono do seu próprio texto.

Desta forma, a leitura de “Além do ponto” a ser feita a partir de agora, será a do ser humano como um eterno buscador, que ansioso em se livrar da “prisão” insuportável em que vive se desconstrói, mascara-se, está disposto a tudo para alcançar o seu mais profundo objetivo. Vemos uma leitura do amor como cumprimento da aspiração de união. Por conta disso, nesta análise está isenta qualquer referência à homossexualidade, ou a qualquer tipo de busca por um anelo que não seja o amoroso.

De acordo com o Erich Fromm (1991), a mais profunda necessidade do homem é a de deixar a prisão em que está só. Segundo ele “o homem - de todas as idades e culturas - vê-se

diante da solução de uma só e mesma questão: a de como superar a separação, a de como realizar a união, a de como transcender a própria vida individual e encontrar a sintonia.” (Fromm, 1991, p. 27) A necessidade de amar, de fusão interpessoal, é o mais poderoso anseio do homem. Logo, o amor pode, sem dúvida, ser visto como a maior inquietação do ser humano, não é a toa que é um tema muito valorizado pelas artes humanas.

Ao indagar qualquer pessoa do mundo, o que a tornaria plenamente feliz, com certeza a maioria delas colocaria entre as coisas que possuem maior importância; ter o amor verdadeiro. O fracasso em realizá-la, segundo Fromm, significa loucura, ou destruição – auto-destruição ou destruição dos outros. Para ele, “sem amor, a humanidade não poderia existir um só dia.” (Idem, p. 27)

Contudo, ainda de acordo com o Dr. Erich, se chamarmos amor a realização da união interpessoal, poderemos encontrar uma série de dificuldades, já que a fusão pode ser obtida de diversos modos, e as diferenças não são menos significativas do que aquilo que é comum às várias formas de amor.

O sujeito contemporâneo, por conta da sua identidade descentrada, vive perturbadamente essa busca pelo amor. Este sujeito solitário, por vivenciar, individualmente, socialmente, externa e internamente, uma realidade efêmera, perde-se, buscando, a qualquer custo, viver um “amor eterno”, “sem limites”, busca a satisfação, normalmente momentânea, desse sentimento que, na modernidade líquida, é absolutamente imaturo, ilusório e fugaz. Assim, que espécie de união, então, estamos falando quando falamos de “amor”?

Dr. Fromm chama de “amor amadurecido” a união sob a condição de preservar a integridade própria, a própria individualidade. O amor, segundo ele,

é uma força ativa no homem, uma força que interrompe pelas paredes que separam o homem de seus semelhantes, que une aos outros; o amor leva-o a superar o sentimento de isolamento e de separação, permitindo-lhe, porém, ser

ele mesmo, reter sua integridade. No amor ocorre o paradoxo que dois seres sejam um e, contudo, permaneçam dois. (Idem, p. 36)

Entretanto, em “Além do ponto” o protagonista pode ser visto como a representação absoluta de um sujeito moderno que caminha numa direção completamente oposta do que defende Fromm. O sujeito do conto, destruído pelo meio, não preserva sua individualidade, e vê o seu objeto de desejo apenas como “solução” para as suas dores.

No conto, o narrador, cujo gênero só é sabido através do uso se adjetivos, está em primeira pessoa. O texto, justamente por seu caráter eminentemente dramático, é dialogado. É um diálogo, ou monólogo interior, pois se passa no interior, no mundo psíquico da personagem, exemplo absolutamente claro de uma identidade em conflito. O diálogo do protagonista é com um outro, ou com o que o outro estaria pensando sobre ele, gerando assim temores e aflições.

Em “Além do ponto” um homem caminha no meio da chuva, indo ao encontro de alguém. “chovia, chovia, chovia e eu ia indo por dentro da chuva ao encontro dele, sem guarda-chuva nem nada, eu sempre perdia todos pelos bares”. (Abreu, 1992, p. 45) A repetição de “chovia” marca a intensidade da chuva, nos remetendo a imagem da própria chuva caindo, e o verbo “ir” seguido de gerúndio “ia indo” expressa uma ação que se realiza progressivamente, nos dá uma ideia de continuidade, reforça uma imagem de caminhada sem pausas. Nesse texto, o leitor, justamente pelo conto estar na primeira pessoa do singular, assume a persona do personagem, e o visualiza, como se assistisse cinematograficamente, à dolorosa caminhada desse homem pela chuva, colocando o leitor, nesse sentido, também nessa busca.

A imagem da água usada por Caio F. também pode ser vista como uma grande metáfora para falar de uma busca que está no destino desse homem, e que o leva para além do ponto. Simbolicamente, ser lançado à água é similar a ser entregue ao seu próprio destino.

Nesse contexto, há nesse texto uma espécie de “narrativa épica”. Caminhar “por dentro na chuva” é de alguma forma, lançar-se em um ambiente que é inóspito e para o qual ele está desarmado, “sem guarda-chuva nem nada”. Esse homem, vulnerável, lança-se na chuva para entregar-se a algo que é propriamente um “desejo amoroso”. Isso pode ser afirmado porque, no texto, “aquele” que o protagonista quer encontrar não é nomeado.

Essa marca é recorrente nas narrativas de Abreu, ele não dá nome aos seus personagens. O autor faz isso propositalmente, já que, simbolicamente, nomear alguém ou alguma coisa é, ao mesmo tempo, lhe dar uma personalidade, ou alma. Desta forma, o sem-nome pode ser todo e qualquer ser humano. Assim, não importa “quem” esse sujeito está procurando, não importa o nome, a única coisa que ele realmente busca é uma “tábua de salvação” alguém que o faça feliz, que o tire do mar de angústias em que está vivendo.

O personagem vive uma angústia tão grande, almeja tanto uma “felicidade”, que sai para essa busca absolutamente despojado, sem escudos. Esse indivíduo não tem guarda, ele não traz consigo nenhum tipo de proteção. Ele cai de peito aberto nessa busca e vai nela até o fim. Se no início do texto diz que “chovia, chovia, chovia”, a lógica seria ele se proteger da chuva. Mas o limite da busca é tão grande, esse desejo da busca é tão intenso que, mesmo sem guarda-chuva, ele se coloca nessa chuva torrencial.

É interessante notar que essa entrega é recorrente, pois ele sempre perdia todos os guarda-chuvas pelos bares. Logo, essa busca já aconteceu em outros contextos. O que esse homem faz, de certa forma, é passar a sua vida de bar em bar, como diz Cazuzu em “O tempo não para”, procurando uma agulha no palheiro, procurando desesperadamente aquilo o qual ele sabe que não vai encontrar.

O protagonista de “além do ponto” está na rua, debaixo de chuva, desarmado, cheio de incertezas, carregando apenas como

instrumento uma garrafa de bebida alcoólica e um maço de cigarros.

parece falso dito desse jeito, mas bem assim eu ia pelo meio da chuva, uma garrafa de conhaque na mão e um maço de cigarros molhados no bolso. Teve uma hora que eu podia ter tomado um táxi, mas não era muito longe, e se eu tomasse um táxi não poderia comprar cigarros nem conhaque e eu pensei com força então que seria melhor chegar molhado da chuva ,(...) Mas chovia ainda, meus olhos ardiavam de frio, o nariz começava a escorrer, eu limpava com as costas das mãos e o líquido do nariz endurecia logo sobre os pêlos, eu enfiava as mãos avermelhadas no fundo dos bolsos e ia indo, eu ia indo e pulando as poças d'água com as pernas geladas. (Abreu, 1992, p. 45)

Faz-se bastante clara a mescla de sentimentos ambíguos que preenchem a alma desse sujeito. A necessidade de transcender a prisão, em que está só, é tanta, a realidade em que ele se encontra é tão terrível, tão insuportável, que o personagem passa a criar situações imaginárias.

porque aí beberíamos o conhaque, fazia frio, nem tanto frio, mais umidade entrando pelo pano das roupas, pela sola fina esburacada dos sapatos, e fumaríamos beberíamos sem medidas, haveria música, sempre aquelas vozes roucas, aquele sax gemido e o olho dele posto em cima de mim, ducha morna distendendo meus músculos. (Idem, p. 45)

Vemos no texto dois espaços criados pelo personagem: o da utopia e o do real, ele caminha em uma realidade sonhando com outra. O espaço do sonho é o espaço desse contato com o outro, o “lugar quente” onde há uma “ducha morna” para distender seus músculos, onde eles beberiam e fumariam. Nota-se o uso dos verbos no futuro pretérito “fumaríamos, beberíamos” utilizados normalmente para dar marcas de hipótese, incerteza e irreabilidade. Já o espaço da realidade é o do frio, das “pernas

geladas” da “ducha fria”, do frio que arde os olhos, do “líquido do nariz endurecendo os pêlos”.

A narrativa prossegue, e a busca fictícia desse homem para finalmente encontrar-se com aquilo que é o seu destino o faz entrega-se a uma aventura que, sem dúvida, também é uma desventura.

Tão geladas as pernas e os braços e a cara que pensei em abrir a garrafa para beber um gole, mas não queria chegar na casa dele meio bêbado, hálito fedendo, não queria que ele pensasse que eu andava bebendo, (...) mas depois de pensar isso me deu um desgosto porque fui percebendo, por dentro da chuva, que talvez eu não quisesse que ele soubesse que eu era eu, e eu era. (Ibidem, p. 45-46)

O conflito entre imaginário e real marcam a relação do protagonista com aquilo que ele procura no outro. Começa-se assim um diálogo, constituído por conflitos, entre a imaginação do narrador e a realidade. Assim, há um antagonismo entre a realidade que se apresenta e a expectativa com relação ao olhar do outro, idealizada pelo protagonista. Ele passa a imaginar como deveria ser e fazer para receber o afeto pelo qual almeja. A garrafa de conhaque e o cigarro que ele traz consigo poderiam servir para aquecê-lo, entretanto ele não bebe, pois não quer chegar em casa “dele” cheirando a conhaque; mais do que isso, ele quer usufruir daquela bebida com o outro. A bebida funciona como uma espécie de oferenda. O outro representa para ele a solução para a sua situação de desamparo, por isso ele vai fazer de tudo para agradar o outro, vai levar cigarros e bebidas, e também vai ser alguma coisa que agrade o outro para assim, de alguma forma, motivar o outro a estar com ele. Vemos então, de certa forma, a própria ideia de vassalagem, uma vassalagem contemporânea de um ser para outro ser.

É interessante com esse homem, destruído, que não tem dinheiro para o táxi, que vai na chuva, pois gastou tudo comprando o cigarro e a bebida, ainda assim, não quer mostrar para o outro que ele está fragilizado. Esse sujeito se disfarça, ele

não quer dizer que não tem dinheiro, não pode deixar que o outro veja que a sua aparência não é a mais desejável, que está com o dente quebrado. Ele se mascara, se reconstrói num disfarce para agradar este outro, não quer que o seu “objeto de desejo” saiba que ele é ele. Entretanto, ele percebe que não tem jeito, não tem escapatória, por isso entra em conflito entre o que gostaria de aparentar e o que era na realidade.

Começou a acontecer uma coisa confusa na minha cabeça, essa história de não querer que ele soubesse que eu era eu, encharcado naquela chuva toda que caía, caía, caía e tive vontade de voltar para algum lugar seco e quente, se houvesse, e não lembrava de nenhum, (...) o frio e a chuva não me deixavam mastigar direito, eu apenas começava a saber que tem um ponto, e eu dividido querendo ver o depois do ponto e também aquele agradável dele me esperando quente e pronto. (Idem, p. 46)

Ao se perceber encharcado naquela chuva toda que caía o protagonista começa a se dar conta da sua real condição, do seu estado físico e emocional degradado. Está bêbado, não tem dinheiro, o dente está quebrado. Simbolicamente a água representa o inconsciente, sendo que o ato de entrar na água e dela sair possui uma analogia com o ato de mergulhar no inconsciente. Nesse contexto, o personagem “sai” de seu monólogo interior e desliza para um fluxo de consciência. Nota-se a marca da epifania de Clarice Lispector nesse trecho do conto.

Em seu conflito interno, o personagem compreende a si mesmo, mesmo não tendo plena consciência e intenção. Mesmo não conseguindo diferenciar mais realidade e imaginação por conta da angústia interna que vive, esse homem, em sua reflexão absolutamente antitética, ainda tem um momento de lucidez na “esquina cinzenta” Ele se questiona sobre a busca, pois descobre que existe um ponto. A imagem dessa esquina, representa claramente uma divisão, mudança, a opção do personagem, os dois caminhos que ele precisa escolher. Volta atrás e busca a

segurança do lugar quente e agradável, ou lança-se ao seu destino, passando do ponto, indo ao encontro “dele”?

Neste sentido, há, momentaneamente, uma descrença por parte desse homem, pois ele se entregou totalmente a essa busca, abriu mão de tudo que ele possuía, está com fome, sem dinheiro, hálito fedendo, insone. Por isso a idéia da epopéia apontada alguns parágrafos acima. Na realidade, ele passa por uma espécie de epopeia na qual ele, definitivamente, não é o herói, muito pelo contrário, existe alguma coisa, que ele não controla, que faz dele um anti-herói, indo para sua destruição. Desta forma, mesmo passando por todas as provações possíveis, ele ainda assim persiste porque em sua cabeça a “felicidade” estaria esperando, e lhe abriria a porta. Por conta disso ele precisa deter a sua vontade de voltar atrás.

O protagonista fica cada vez mais confuso, e o espaço da utopia, do “idílio” intensifica-se.

então decidi na minha cabeça que depois de abrir a porta ele diria qualquer coisa tipo mas como você está molhado, sem nenhum espanto, porque ele me esperava,(...) daquele jeito estranho de já ter estado lá sem nunca ter, hesitava mas ia indo, no meio da cidade como um invisível fio saindo da cabeça dele até a minha, quem me via assim molhado não via nosso segredo,(...) além da água da chuva e da lama dos carros a minha roupa agora também estava encharcada de conhaque, como um bêbado, fedendo, não beberíamos então, tentei sorrir, com cuidado, o lábio inferior quase imóvel, escondendo o caco do dente, e pensei na lama que ele limparia terno, porque era a mim que ele chamava, porque era a mim que ele escolhia, porque era para mim e só para mim que ele abriria a sua porta. (Idem, p. 46-47)

Esse homem, movido pela ilusão/ficção, tem uma ação passional, e opta pelo espaço do sonho. O desejo, a vontade, fala mais alto. Ele realmente acredita que existe alguém que o espera, que o chama, mais do que isso, ele só vai porque o outro o chama.

Desta forma, vemos que ele dá “poder” ao outro, ele coloca a responsabilidade da sua vida nas mãos do outro. Para esse sujeito, é o outro que, na verdade, o faz passar do ponto “eu só ia indo porque ele me chamava, eu me atrevia, eu ia além daquele ponto de estar parado (...) um fio saindo da cabeça dele até a minha”. (Ibidem, p. 46)

O indivíduo dessa narrativa “passa do ponto” porque vai além da imaginação, na verdade ele sai da imaginação, perde o limite do que pode e do que não pode, do que é realidade e do que não é. Ele está num labirinto, num “caminho de árvores sem folha e rua interrompida”, está sem saída. Esse homem deseja tanto esse fictício encontro que ele até tem a sensação de já ter tido o encontro. Ele é, literalmente, movido pelo desejo, que dá essa sensação de “já ter estado lá sem nunca ter”.

É interessante notar como o personagem cria uma expectativa em relação ao outro, e como é egoísta a forma como ele quer fundir-se a ele. “trocaria minha roupa molhada por outra mais seca e tomaria lentamente minhas mãos entre as suas, acariciando-as devagar para aquecê-las, espantando o roxo da pele fria” (Ibidem, p. 47) Esse sujeito quer escapar da solidão e da sensação de “encarceramento” em que vive, fazendo da outra pessoa uma parte, uma parcela de si mesmo. Na verdade, ele projeta uma imagem, catártica. O outro é a projeção dele. Dessa forma, pode-se dizer que há no texto dois tipos de catarse, a do encontro, propriamente dito, e a do narrador como o centro das atenções.

Percebe-se que toda estrutura do texto é uma estrutura para um destino cruel. Ao escorregar, o personagem sai da utopia para a realidade, ele cai, quebra a garrafa, e agora, além de estar encharcado de chuva e sujo de lama, toma um banho de conhaque, e fica fedendo como um bêbado. Desta forma, todos os sonhos dele acabam, tudo aquilo que esse homem levava para a catarse acaba ele, agora não tem mais nada para oferecer ao outro.

Era necessário um esforço muito grande, era preciso um esforço muito grande, era preciso um esforço tão terrível

que precisei sorri mais sozinho e inventar mais um pouco,(...) mas ia indo pela chuva porque esse era meu único sentido, meu único destino: bater naquela porta escura onde eu batia agora. (...) eu quis chamá-lo, mas tinha esquecido seu nome, se é que alguma vez o soube,(...) eu só estava parado naquela porta fazia muito tempo, depois do ponto, tão escuro agora que eu não conseguiria nunca mais encontrar o caminho de volta, nem tentar outra coisa, outra ação, outro gesto além de continuar batendo, batendo, batendo, batendo, batendo, batendo, batendo, batendo, batendo, batendo, batendo, batendo, na mesma porta que não abre nunca. (Ibidem, p. 47-48)

Mesmo destroçado e desesperançado esse homem insiste, apegado à idéia fixa de que alguém o espera. Assim, ele retorna para o espaço do sonho, “precisei sorrir mais sozinho e inventar um pouco mais, aquecendo o meu segredo (...) reaprendia e inventava sempre, sempre em direção a ele”, (Ibidem, p. 47) só que dessa vez ele não volta mais a realidade, não tem mais força para retornar, ele agora, definitivamente, foi “além do ponto”. É interessante como vemos reafirmada a ideia de que só o objeto de desejo que ele tanto procura, é responsável pela sua felicidade, que o seu destino está nas mãos, única e exclusivamente, do outro. “os pedaços de mim todos misturados que ele disporia sem pressa, como quem brinca com um quebra-cabeça” (Ibidem, p. 48)

A busca desse sujeito o levou a atravessar o limite do desprendimento, o levou a ir além do ponto de controle. A situação em que ele se encontra é de tamanha angustia, é tão desesperadora, tão incontrolável, que ele vai ficar insistindo, como que batendo e batendo numa porta que não abre nunca, em tempo algum. Logo, ele está condenado a permanecer buscando, insistindo em encontrar o anelo que vai fazer com que ele saia da angustia em que vive.

Nota-se que a palavra “batendo” é repetida várias vezes, o que nos remete a uma imagem desesperada e desesperançada desse indivíduo. Tudo o que ele idealizou, todas as suas tentativas

foram em vão. Esse sujeito vai passar a vida inteira insistindo em realizar seu sonho, mesmo sabendo que nunca irá encontrar. Assim, o protagonista está condenado a buscar, vemos então reafirmada a idéia anterior de que esse homem já se entregou a essa busca em outros contextos. Trata-se, portanto de uma narrativa cíclica.

Nesse contexto, a porta, na verdade, é uma grande metáfora para dizer que a passagem que se abre, e que segundo o texto não abre nunca, é o limite, é a fronteira que separa o ser humano de seu objeto de desejo. Encontrar o objeto de desejo, como forma de se livrar da triste “dor de existir” é, na verdade, uma grande ilusão. Essa porta nunca, em tempo algum, vai se abrir, logo o homem está fadado a permanecer batendo, a buscar por algo que não vai se concretizar.

“Além do ponto” é um texto absolutamente pessimista. Mas não é um pessimismo apenas contemporâneo, é humano. Na verdade, esse sentimento, essa angústia vivida pelo personagem, é do homem. Esse indivíduo do conto busca, na verdade, suprir uma carência que é ontológica, que está na origem do homem. Essa marca pessimista, essa condenação em busca de algo que nunca vai encontrar, já vem sendo falada à séculos e séculos. Pode-se dizer até que esse texto possui mais que um pessimismo, ele possui uma melancolia, uma saudade de uma coisa que não foi vivida, mas que é desejada.

A melancolia é uma dor obscura, um sentimento característico de quem perdeu algo. Nela vemos um luto sem fim, que coloca o indivíduo em uma obscura dor sem limites, por conta de uma impossibilidade real ou imaginária. No texto vemos essa dor no personagem, pois ele dá ao seu objeto “perdido”, uma dimensão extraordinária. Segundo Freud, é como se o sujeito introjetasse o objeto em si, como se o tivesse incorporado no sentido canibalístico do termo, fazendo assim uma identificação narcísica.

No conto, vemos um amor Eros, uma busca que envolve efetivamente desejo, não o desejo carnal; é claramente perceptível

que o personagem não está buscando propriamente uma noite de sexo. Assim, podemos identificar a necessidade de união com uma “parte perdida”, e não por um homem ou mulher especificamente. Na verdade, o que o indivíduo do conto procura verdadeiramente, é o “objeto ideal” aquele que o completará, que dará atenção, carinho, aconchego, aquele que existe tão e somente para suprir todas as suas demandas, anseios, necessidades e carências. No entanto ele não o encontra, e pior, está fadado a permanecer procurando.

O ser humano estaria destinado a buscar o amor exaustivamente. É um trabalho forçado, árduo e sem garantias como no mito grego de Sísifo que é geralmente contado para enfatizar a dificuldade de um trabalho. A pedra que Sísifo foi condenado a carregar é gigantesca, tão grande que ele mal é capaz de movê-la, assim, cada passo dele morro acima, força seus nervos, seu coração, seus tendões ao limite de sua resistência. Vemos em “além do ponto”, claramente, essa imagem de Sísifo no personagem, que vai até o limite para conseguir o que quer, não é feliz na realização, mas não pode nem dizer que não quer mais fazer, pois está condenado a isso eternamente.

O reencontro com objeto ideal vem atender à grande vontade do ser humano em sua existência de suprir suas faltas e suas incompletudes. Entretanto, na modernidade, esse reencontro torna-se mais do que uma vontade, é uma necessidade. Nela, acredita-se que a intensidade do amor está em não amar ninguém além da pessoa amada, pois esta será a única solução para que o indivíduo acabe com sua agonia de viver nesse deserto de sofrimentos que está condenado.

Assim, o amor então se torna uma relação para uma pessoa específica, para exclusivamente um “objeto de amor” e não, uma atitude, uma orientação de caráter que determina a relação de alguém para com o mundo como um todo. Fromm nos ensina que o amor “é uma atividade, e não um afeto passivo; é um “erguimento” e não uma “queda”. De modo mais geral, o caráter

ativo do amor pode ser descrito afirmando-se que o amor, antes de tudo consiste em dar, e não em receber.” (Fromm, 1991, p. 37)

Com efeito, no amor, o ser humano pensa finalmente viver o mito da fusão com outro, quer perder a identidade nas mãos daquele que no momento é “tudo” para ele. Seguindo as palavras de Fromm, “supõe-se que o amor seja o resultado de uma reação espontânea, emocional, quando alguém é de súbito apanhado por um sentimento irresistível.” (Idem, 1991, p. 64) A dor da solidão é tanta que as pessoas se desesperam e acabam se envolvendo umas com as outras, sem nem saber por quê. Vivenciam relacionamentos complicados, insistem neles, mesmo sabendo que não existe futuro ali, e depois não entendem porque o relacionamento não deu certo.

De acordo com Fromm, o ser humano confunde-se muitas vezes com a experiência de “cair” enamorado, o súbito colapso das barreiras que até certo momento existiam entre dois estranhos (...) essa experiência de súbita intimidade é, por sua própria natureza, de vida curta.

Na verdade, por não saber exatamente o que estão procurando, unem-se através da carência, e esta não permite que o indivíduo veja o outro como ele é, então ele idealiza. Ambos revelam os menores detalhes de vida, pensam que estão mergulhando um na alma do outro, dando impressão que a tão sonhada união total finalmente aconteceu, que dessa vez o destino se revelou. Para Erich falar da própria vida pessoal, das próprias esperanças e ansiedades, mostrar-se nos seus aspectos infantis ou pueris, estabelecer um interesse comum em face do mundo – tudo isso é tomado como superação da separação.

Segundo Zigmund Bauman, em todo amor há dois seres, cada um a grande incógnita da equação do outro. Isso é que faz o amor parecer um capricho do destino

aquele futuro estranho e misterioso, impossível de ser descrito antecipadamente, que deve ser realizado ou protelado, acelerado ou interrompido. Amar significa abrir-se ao destino, a mais sublime de todas as condições

humanas, em que o medo se funde ao regozijo num amálgama irreversível. Abrir-se ao destino significa em última instância, admitir a liberdade no ser: aquela liberdade que se incorpora no Outro, o companheiro no amor. (Bauman, 2001, p. 21)

O amor representaria então uma relação de liberdade, de construção contínua e não uma necessidade narcisística, egoísta, de suprir uma carência, de acabar com uma dor que na verdade não acaba nunca.

Dessa forma, um indivíduo que acredita que amar é fazer da outra pessoa a sua “tábua de salvação”, aprisionando-a, achando que ela é seu “objeto ideal”, fazendo dela uma parcela de si mesmo, comete um grande equívoco. O verdadeiro amor é livre, não se restringe a uma só pessoa. É altruísta, abnegado, “essencialmente um ato de vontade, de decisão de entregar a minha vida completamente para a outra pessoa.” (Fromm, 1991, p. 64) Ele acontece quando duas pessoas não se escolhem um ao outro, mas são escolhidos um para o outro, esperando-se contudo que mutuamente se amem.

Amar alguém é um ato de vontade, de entrega, não é apenas um sentimento forte, é um julgamento, uma responsabilidade, uma promessa, mas, sobretudo, uma decisão. Esse tipo de amor, que Fromm nomeia como “genuíno,” é uma “expressão de produtividade que implica cuidado, respeito, responsabilidade e conhecimento. Não é um “afeto, no sentido de ser afetado por alguém, mas um esforço ativo pelo crescimento e felicidade da pessoa amada, enraizada na própria capacidade de amar que alguém tem.” (Fromm, 1991, p. 66)

No conto, podemos ver um personagem que se afasta completamente desse tipo de “amor” tratado. Vemos um sujeito egoísta, que só se interessa por si mesmo e pelos seus interesses. O mundo exterior é encarado por esse indivíduo, apenas como ponto de vista daquilo que ele pode extrair dele. O outro é primariamente um meio de satisfação de suas próprias necessidades.

O amor “louco”, irremediável, dependente, movido pelo desejo, pela ilusão, pela carência, conforme foi visto no conto, é o tipo de amor que diz “não consigo viver sem você”, já o amor amadurecido, livre de ilusões, é um amor que diz “consigo viver sem você, mas quero viver com você”, é o amor que se reconhece como amor, que tolera, que convive com as diferenças, com os defeitos e as imperfeições do outro, que sabe que a eternidade não existe, e que um dia, de um jeito ou de outro, tudo acabará.

Está certo que o amor também é um tipo de experiência para suprir à factual e crescente dor de existir, entretanto, de todas as experiências, o amor “amadurecido”, uma vez “encontrado”, no sentido de que, dentro de relacionamentos duradouros é necessária uma busca contínua, diária, para manter “vivo” esse sentimento, ele ao menos conforta, acolhe, traz o conforto necessário para suportar a dor, que se apresenta de maneira diferente em cada indivíduo.

Neste sentido, essa busca pelo amor pode ser vista como uma dádiva e uma desgraça. Uma desgraça porque é agonizante e, principalmente, sem garantias. E uma dádiva, porque é ela que mantém o indivíduo vivo, já que a vida de uma pessoa que não crê na possibilidade de encontrar uma “felicidade”, está fadada ao desespero.

O amor sempre foi tema da literatura, da música, do cinema e de tantos outros ramos das artes humana. Este “contentamento descontente” foi, é, e sempre será, apesar de todos os estudos, uma grande incógnita para nós. Caio Fernando Abreu, em sua vasta obra, falou sobre esse sentimento amoroso, relacionando-o principalmente a um discurso desesperançado por conta da incerteza da contemporaneidade, na qual tudo é efêmero é passageiro, incerto, vazio, descrente.

Na ótica do presente artigo, o “sujeito líquido” está constantemente em busca de algum tipo de experiência que acabe com sua dor de existir. De todas as experiências, a mais significativa é sem dúvida a busca pelo “amor”. O conto de Caio F. escolhido para análise fala do conflito de um indivíduo em

busca desse amor tão desejado. Abreu nos apresenta uma narrativa melancólica, desesperançada, de um alguém que procura um outro alguém. Vemos uma luta, um conflito interno, de um sujeito que busca viver a liberdade de seus desejos mais íntimos.

O conto narra uma busca que está na origem do ser humano. No entanto, nesse texto intimista e existencial, este sujeito líquido leva essa busca às últimas consequências. Ele se reconstrói num disfarce para conquistar o que quer. Vemos um indivíduo egoísta, que, de certa forma, não busca por um “amor genuíno”, mas simplesmente por alguém que vai fazer com que ele saia da situação angustiante em que vive.

“Além do ponto” nos leva a refletir a respeito de que tipo de amor estamos falando na modernidade. É fato que estamos fadados a buscá-lo, é trabalho forçado. Entretanto, que tipo de amor é esse que procuramos, já que o amor desse tempo é caracterizado pelo caos, pela descrença, pelo desaparecimento e pela desconstrução? É o “amar loucamente” a ponto de aceitar qualquer tipo de coisa, é colocar a sua vida nas mãos do outro e deixar que ele faça dela o que quiser? Ou é o amor livre, amadurecido, destituído de ilusões?

A agonia da modernidade líquida faz com que a maioria das pessoas veja o amor antes de tudo, como o de ser amado, em lugar de amar. De acordo com Fromm, a única coisa que uma pessoa pode dar a outra verdadeiramente é

dar de si mesma, dá o que tem de mais precioso, dá de sua vida. Isso não quer dizer que sacrifique sua vida por outrem, mas que lhe dê daquilo que em si tem de vivo; dê-lhe sua alegria, de seu interesse, de sua compreensão, de seu conhecimento, de seu humor, de sua tristeza – de todas as expressões e manifestações daquilo que vive em si. (Fromm, 1991, p. 39)

Nesses tempos, em que os indivíduos procuram no amor o sentido para sua vida, não percebem que o único sentido possível é o sentido que cada um pode dar à sua própria vida.

Assim, vivendo sua própria vida plenamente, dando de sua vida gratuitamente, enriquece a da outra pessoa, valoriza-se o sentimento de vitalidade ao valorizar o seu próprio sentimento de vitalidade. Quando amamos, pura e somente, de uma certa forma, aceitamos que não existe a possibilidade de uma felicidade plena, pois essa dor que nos acompanha, e que em cada ser humano se apresenta de forma distinta, talvez não passe nunca.

Enfim, talvez o que nos resta é preservar a nossa individualidade, procurando ser inteiros, mergulhando em nós mesmos, nos reconhecendo como indivíduos únicos, “alguém a quem só é dada essa oportunidade única de viver, com esperanças e decepções, com tristezas e temores, com a ânsia de amar e o horror ao nada e a separação”. (Fromm, 1991, p. 33) Desta forma, quem sabe o amor se apresenta e nós possamos continuar essa busca de um jeito diferente, no dia-dia, em cada olhar, cada palavra, cada toque. O amor propriamente dito é a mais linda de todas as frustrações, porque é mais do que se pode expressar.

Referências

ABREU, Caio Fernando. Caio 3D. *O Essencial da década de 1970*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

_____. *Morangos Mofados*. São Paulo, Agir, 2005.

AZEVEDO, Beatriz. Trabalho apresentado na Jornada do Rio de Janeiro "Os afetos na vida cotidiana". Disponível em: <http://www.escutaanalitica.com.br/melancolia.htm>

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *Amor líquido*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

CAMÕES, Luís de. *Sonetos*. São Paulo, Martin Claret, 2001.

COMMELIN, P. *Mitologia Grega e Romana*. Rio de Janeiro, Ediouro.

Dicionário de símbolos (Virtual). Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/3586939/Dicionario-dos-simbolos>

FROMM, Erich. *A arte de amar*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1991.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP & A, 2004.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 7ª edição, São Paulo, Loyola, 1998.

HOLANDA, Heloisa Buarque de. *Hoje não é dia de rock*. In: *Morangos Mofados*. São Paulo, Agir, 2005. p 9

LEAL, Bruno Souza. *Caio Fernando Abreu, a metrópole e a paixão do estrangeiro: contos, identidade e sexualidade em trânsito*. São Paulo: Annablume, 2002.

MACHADO, Danilo Maciel. *O amor como falta em Caio Fernando Abreu*, 2006. Dissertação (Mestrado em História da Literatura) UFRG.

MAGRI, Milena Mulatti (UNESP/SJRP). *Sujeito, cidade e experiência urbana em Caio Fernando Abreu*. Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários Volume 12 (Jun. 2008) Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa>

MARQUES, Márcia Cristina Roque Corrêa (UFRGS) Artigo - *Além do ponto, de Caio Fernando Abreu: O discurso do outro*. Cadernos FAPA - N. Especial VI Fórum FAPA Disponível em: <http://www.fapa.com.br/cadernosfapa>

MELO, Joaquim Cesário de. *A pré-história do amor: Raízes e origens do sentimento amoroso*. Centro de Terapia Clínica do Recife. Disponível em: http://www.ctcr-pe.com/artigos_arquivos/Page335.htm

PLATÃO. *Diálogos*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.